

CORREIO ECONÔMICO

Reprodução site conexos



Investimentos de nacionais somaram alta anual de 12,6%

Anbima: investimentos de brasileiros somam R\$ 7,3 bi

Exibindo uma alta de 12,6%, no comparativo anual, o volume financeiro dos investimentos de brasileiros totalizou R\$ 7,3 bilhões, no final de dezembro de 2024, apontam dados divulgados, nessa quinta-feira (13), pela Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), ao atribuir tal performance à expansão de 15,4%, pelo mesmo

cálculo, do varejo de alta renda. Outro segmento que também contribuiu para o resultado geral foi o varejo tradicional, que avançou 13,6%, seguido do private, com elevação de 8,7%. Se considerado em volume absoluto, a alta renda somou R\$ 2,572 trilhões, ao passo que o varejo tradicional totalizou R\$ 2,427 trilhões e o private, R\$ 2,296 trilhões.

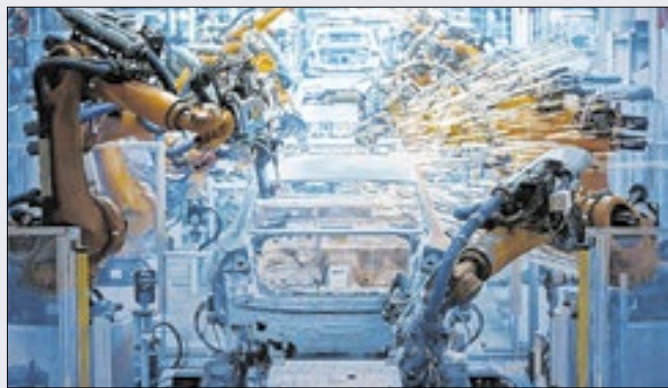
Renda fixa

Segundo o vice-presidente do Fórum de Distribuição da Anbima, "no private, tivemos um ano com poucos eventos de liquidez que são comuns nesse segmento, como IPOs e follow ons". E conclui: "O ano de 2024 foi o ano da renda fixa", sentença Effting.

Participação

Já os títulos e valores mobiliários responderam por 46% dos investimentos, seguidos por fundos de investimento, previdência e poupança. Entre os títulos e valores mobiliários, Effting destacou produtos isentos como letras, CRAs, CRIs, bem como as debêntures incentivadas.

Portal Ibrre FGV



Entidade acentua que o clima hoje é de 'baixa confiança'

Confiança industrial exhibe estabilidade em fevereiro

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) se manteve em 49,1 pontos, de janeiro para fevereiro, indicando pessimismo do empresariado, segundo divulgou, nessa quinta (13), a CNI.

A especialista em Políticas e Indústria da CNI, Cláudia Perdigão, diz que o pessimismo dos empresários impacta as decisões

de negócio. "Em um cenário de baixa confiança, espera-se desaceleração de investimentos. Após 2024 registrar evolução muito positiva, essa queda na confiança pode impactar o andamento dos projetos não executados no ano passado e ficaram para 2025. Isso acende um sinal de alerta para os próximos meses", diz.

Condições piores

Segundo a pesquisa, "embora a avaliação dos empresários sobre o momento das empresas e da economia brasileira tenha melhorado levemente, o indicador continua abaixo da linha de 50 pontos, indicando que as condições atuais estão piores do que há seis meses".

Boa expectativa

Já o Índice de Expectativas, estável em 51,5 pontos, indica cenário mais positivo no curto prazo. Para a CNI, o resultado é unicamente explicado pelas boas expectativas para as empresas, pois as avaliações sobre a economia num "futuro próximo" seguem negativas.

Desaceleração

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) acredita que a próxima divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) mostrará uma desaceleração do setor. O crescimento do PIB da indústria em geral, caiu de 0,6%, no terceiro trimestre (3T24), para 0,3% no 4T24.

PIB

A previsão da Fiesp é de crescimento de 0,5% no quarto trimestre de 2024 como um todo, menor do que a taxa registrada no terceiro trimestre: 0,9%. Com isso, o PIB deve mostrar crescimento de 3,5% em 2024 e de 3,6% para a indústria de transformação, projeta a entidade.

‘Queima’ de reservas pôs país em condição mais vulnerável

Tal condição precária se agravou, após as intervenções cambiais do BC

Reprodução site politizei

Por Marcello Sigwalt

A necessidade recorrente do Banco Central (BC), de 'queimar' as reservas de dólares nacionais para enfrentar os ataques contra o real, alimentados pela crescente desconfiança do mercado no ajuste fiscal do Planalto, tornou o país mais vulnerável a novas crises de volatilidade cambial (leia-se, choques internacionais), pois a cobertura da dívida externa é hoje a menor em 17 anos.

Tal cenário acendeu o 'sinal de alerta', sobretudo após a intervenção operada pelo Banco Central (BC) no câmbio, a maior da história do regime de flutuação.

Além da deterioração flagrante das contas externas, em razão da mencionada intervenção cambial do BC, igualmente piorou o déficit de transações correntes (entradas e saídas de recursos). Apesar dos temores, economistas entendem que o cenário não é, ainda, alarmante, uma vez que a trajetória atual sugere desaceleração econômica, o que, aliada ao encareci-



Menor cobertura de dívida externa em 17 anos acionou o sinal de alerta do mercado

mento do dólar e valorização do real, indica uma redução significativa das importações. Especialistas creem que o BC não retomará a venda de dólares com a mesma intensidade.

Embora os investimentos estrangeiros diretos atinjam US\$ 71 bilhões (R\$ 408 bilhões), estes são incapazes de financiar, 'com tanta folga', o

déficit nas transações correntes, que mais do que dobrou: de US\$ 24,5 bilhões, ou 1,1% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2023; para US\$ 56 bilhões, ou 2,5% do PIB, em 2024.

O economista-chefe do Anbank, Alex Fuste, avaliou que, embora suas reservas internacionais tenham atingido US\$ 329,7 bilhões em reservas, o

país se tornou mais vulnerável a choques vindos do exterior. "Como o que temos pela frente, fruto da estratégia de tarifas (de Trump), é um choque externo por escassez de dólares, posso dizer que o Brasil hoje está em situação mais vulnerável. Isso é o que nós, investidores com foco em mercados emergentes, observamos", disparou.

Bolsa ganha 'tração' e avança 0,38%

O Ibovespa operou bem perto da estabilidade ao longo da maior parte da sessão, e conseguiu sustentar leve ganho no fechamento, chegando ao pico na reta final, após mergulho de 1,69% ontem, no que foi sua maior perda desde 18 de dezembro. Hoje, subiu 0,38%, aos 124.850,18 pontos, praticamente na máxima no fechamento, entre mínima de 123.777,69 e os 124.852,88 pontos no melhor momento da

sessão, em que saiu de abertura a 124.372,20. Após ter sido reforçado ontem pelo vencimento de opções sobre o Ibovespa, o giro ficou hoje em R\$ 17,8 bilhões.

O dia foi de variações contidas para as ações de maior peso no índice – destaque para a recuperação de Bradesco, com a ON em alta de 1,79% e a PN, de 1,37%, no fechamento. Vale ON encerrou perto da estabilidade (+0,13%). Petrobras

também subiu levemente, com a ON em alta de 0,28% e a PN, de 0,11%.

Os contratos futuros do petróleo fecharam em queda nesta quinta-feira, ainda pressionados pela possível paz entre a Rússia e Ucrânia, e pelo anúncio de tarifas recíprocas pelo presidente dos EUA, Donald Trump.

Após a leitura de ontem do índice de preços ao consumidor (CPI) nos EUA, a atenção glo-

bal se voltou para a inflação no atacado, referente ao índice de preços ao produtor (PPI) – que surpreendeu, em alta de 0,4% em janeiro, acima da projeção de 0,3%, aponta Ian Toro, especialista de renda variável da Melver. "Esse aumento nos custos de produção levanta preocupações sobre a persistência da inflação, reforçando discurso de Jerome Powell, presidente do Fed, de que não tem pressa em reduzir os juros."

Varejo: vendas têm maior alta em 13 anos

Marcelo Camargo - Agência Brasil



Vendas do comércio varejista têm maior alta em 13 anos

As vendas no comércio varejista fecharam 2024 com alta de 4,7%, o maior crescimento desde 2012 (8,4%). Em dezembro de 2024, frente a novembro, as vendas no comércio no país variaram negativamente 0,1%, resultado considerado estabilizado. Já a média móvel trimestral mostrou variação nula (0,0%) no trimestre finalizado em dezembro. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada hoje (13) pelo IBGE.

"Um aspecto importante sobre o varejo restrito na perspectiva anual é de que, na margem, viemos de dois meses de estabilidade (novembro e dezembro). No entanto, vale lembrar que essa estabilidade sustenta um patamar recorde que foi atingido em outubro de 2024, ou seja, é uma estabilização na alta", avalia o gerente da pesquisa, Cristiano Santos.

No comércio varejista ampliado, que inclui, além do va-

rejo, as atividades de Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas em dezembro de 2024 caiu 1,1% frente ao mês imediatamente anterior, após queda de 1,4% em novembro.

Com isso, fechou 2024 acumulando alta de 4,1%, a maior desde 2021, quando havia registrado 4,5%.

Maioria de atividades em alta

Oito das onze atividades pesquisadas, no âmbito do

varejo ampliado, fecharam o ano no campo positivo: Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (14,2%), Veículos e motos, partes e peças (11,7%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (7,1%), Material de construção (4,7%), Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (4,6%), Móveis e eletrodomésticos (4,2%), Tecidos, vestuário e calçados (2,8%) e Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (0,7%).

"Em termos setoriais, o grande destaque foi o setor farmacêutico, que é a única atividade a sustentar também oito anos de crescimento contínuo. Nesse caso, ambos os subsectores cresceram ao longo de 2024: tanto o de produtos farmacêuticos em si quanto o de perfumaria e cosméticos", afirma Cristiano.

IBGE: safra recorde de 325 mi de ton

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve alcançar um recorde de 325,3 milhões de toneladas em 2025, de acordo com a estimativa de janeiro do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado hoje (13) pelo IBGE. Este resultado é 11,1%, ou 32,6 milhões de toneladas, maior do que a safra obtida em 2024 (292,7 milhões de toneladas) e 0,8% maior (1,7 milhão de tonela-

das) do que o prognóstico de dezembro de 2024.

A área a ser colhida deve ser de 80,9 milhões de hectares, um aumento de 2,4% frente à área colhida em 2024 (1,8 milhão de hectares a mais). Em relação ao mês anterior, a área a ser colhida aumentou em 472.102 hectares (0,6%).

Em relação à produção, algodão e soja devem bater recordes. A estimativa para a produção de algodão é de 9,0

milhões de toneladas, um acréscimo de 1,6% tanto em relação ao terceiro prognóstico para 2025, realizado em dezembro de 2024, quanto em relação à safra de 2024. Já a soja teve redução de 0,4% em relação ao último prognóstico e aumento de 14,9% em comparação à safra do ano passado, chegando a 166,5 milhões de toneladas. Quanto ao milho, a estimativa da produção foi de 124,1 milhões de toneladas, cresci-

mentos de 3,0% em relação ao 3º prognóstico (dezembro) e de 8,2% em relação ao volume produzido em 2024.

O gerente da pesquisa, Carlos Barradas, explicou este fenômeno. "O clima está beneficiando as lavouras, embora as chuvas tenham demorado a chegar. Desde os meses de outubro e novembro, tem chovido bem, com exceção da Região Sul, que já apresenta algumas secas".